

Esporte e folkcomunicação: o futebol mostra a brasilidade

Kelly De Conti Rodrigues¹

RESUMO

Por meio da pesquisa bibliográfica, que consultou fontes primárias e secundárias, e da metodologia brasileira da folkcomunicação, realizamos um estudo a respeito do papel do futebol no Brasil. Objetivamos mostrar as nuances das dualidades sociais, os rituais e a linguagem popular que refletem a brasilidade. Pudemos notar que, como objeto da cultura popular, o futebol atua como um verdadeiro veículo de comunicação social. Isso ocorre pelo fato de ser um importante meio de manifestações e práticas que evidenciam a identidade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE

Futebol – folkcomunicação - identidade brasileira - cultura popular.

The brazilianness of soccer: sport as medium of social communication

ABSTRACT

We realized a literature review, consulting primary and secondary sources, and the Brazilian methodology of folkcommunication, to conduct a study about soccer in Brazil. We want to show the nuances of social dualities, rituals and language that reflect situations of the Brazilian population. We note that, as an object of popular culture, soccer acts as a medium of social communication. It is an important vehicle to show the Brazilian identity.

KEYWORDS

Football – folkcommunication - brazilian identity - popular culture.

La brasileñidad del fútbol: el deporte como medio de comunicación social

RESUMÉN

A través de la revisión de la literatura, que consultó fuentes primarias y secundarias, y la metodología brasileña de la folkcomunicación, se realizó un estudio sobre la función del fútbol en Brasil. Nuestro objetivo es mostrar las dualidades sociales, rituales y lenguaje que reflejan brasileñidad popular en este deporte. Tomamos nota de que, como objeto de la cultura popular, el fútbol actúa como un verdadero medio de comunicación social. Fútbol es un importante medio de demostraciones y prácticas que muestran la identidad brasileña.

PALABRAS CLAVE

Fútbol – folkcomunicación - identidad brasileña - cultura popular.

Introdução

¹ Acadêmica da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e integrante do Departamento de Jornalismo da Rádio Unesp FM, onde trabalha com a produção de conteúdo cultural, científico e educativo.

As manifestações da cultura brasileira revelam, em muitos aspectos, as fusões que a originaram. Isso ocorre porque esse país de largas dimensões mantém certas tradições ricas de símbolos e significações que nos remetem, por exemplo, a características dos povos indígenas, africanos e europeus.

O futebol, prática tão ligada à figura do brasileiro, é um dos rituais enraizados em nossa sociedade que mais refletem a mescla de costumes que faz parte da formação desse povo. Mais que uma simples atividade física, ele é uma forma de manifestação de todas as classes. Muitas vezes, inclusive, mostra-se capaz de revelar os anseios daqueles que dedicam grande parte de sua atenção a esse esporte, o qual chega a ser encarado como uma religião pelos torcedores.

Estes, aliás, se fazem ouvir de diversas formas por meio do esporte. Os gritos de guerra, por exemplo, simbolizam uma espécie de mensagem para transmitir um impulso a mais aos jogadores em busca da vitória, além de uma forma de deixar claro o amor pelo clube. Já a formação de torcidas organizadas, as chamadas T.O.s, exprime a união em torno do elemento de culto.

Forma de manifestação ainda mais clara são os objetos que possuem o brasão do clube (uniforme, bandeiras, camisas e outros), os quais, na maioria dos casos, são comprados pelos torcedores. Ou seja, em um país com altos índices de desigualdade econômica, muitos se esforçam para conseguir adquirir algo que demonstre a paixão por determinado clube para que, assim, mostrem de que “tribo” fazem parte. Todas as manifestações citadas servem como uma espécie de carteira de identidade do torcedor.

Outro aspecto a ser destacado são as alcunhas que historicamente identificam as agremiações. Além das influências familiares, a forma como a equipe é conhecida – os apelidos que fazem parte do folclore do futebol – pesa na escolha do time para o qual irá torcer. Esse é outro fator que evidencia o uso do futebol como instrumento de expressão dos diversos grupos sociais, já que as pessoas se unem em torno de um clube que carrega a sua própria identidade.

Como nos exemplos acima expostos, busca-se iniciar uma discussão a respeito do uso do futebol como forma de manifestação daqueles que não se incluem entre os produtores de informação nos veículos de comunicação de massa. Para os menos atentos, esse esporte não representa nada além de um mecanismo de alienação da camada popular. Contudo, após uma cuidadosa análise, fica evidente a existência de uma busca de expressão de costumes, crenças e anseios de determinado povo através de mecanismos proporcionados pelo futebol.

É a partir dessa abordagem que podemos realizar um intercâmbio com a teoria folkcomunicação de Luiz Beltrão. Afinal, esta propõe que se observem os atos dos grupos sociais sob um novo prisma, o qual encara as manifestações como uma espécie de jornal da cultura de uma comunidade, ou seja, como registros noticiosos. Apesar de não estarem, diretamente, produzindo e editando o conteúdo que figurará nos meios de comunicação, as tradições do povo de cada localidade têm importância ímpar e interferem no conteúdo veiculado por tais canais de expressão de massa. Como esboça Nava (2006, p. 322),

Folkcomunicação é o estudo dos processos comunicacionais das manifestações da cultura popular e do folclore. Quem diz o quê, de que forma (códigos), em que ou quais veículos, para quê e a quem? Como expressões ou manifestações culturais do povo se transformam em acontecimentos, fatos, midiáticos? Como a fé e os rituais são espetacularizados? Por quê? De quais formas as mídias recuperam a vida social popular e as expressões de fé? De que modo os meios produzem sentido, informação nos espaços sociais e públicos contemporâneos?

Vale lembrar, ainda, que o conceito de “comunicação cultural”, elaborado por Beltrão (1977, p.58), descreve esse fenômeno como “o processo verbal, mímico, gráfico, plástico e tátil pelo qual os seres humanos exprimem e intercambiam ideias, sentimentos e informações, visando a estabelecer relações e somar experiências”. É isso que vamos tratar nos tópicos seguintes. Abordamos dois aspectos que, historicamente, suscitam amplas discussões: as diferenças de cor e gênero. Posteriormente, vamos mostrar como o futebol é capaz de interligar o povo brasileiro, agregando-se elementos que se assemelham a práticas religiosas.

A partir dessa linha, mostraremos como a sociedade brasileira se manifesta utilizando o futebol como canal de comunicação de seus pensamentos e expectativas. Também relatamos algumas expressões da linguagem do futebol que se integraram ao vocabulário cotidiano do brasileiro.

O futebol joga no ritmo da sociedade

A cultura, assim como todas as práticas humanas, reflete marcas de seu tempo e também do local onde está inserida. As ideologias que permeiam determinado período interferem nas práticas culturais, as quais servem como ferramenta de comunicação daqueles que se encontram às margens da grande mídia. Devido a isso, é natural que ela sofra modificações em sua forma de manifestação ao longo dos anos, seguindo os passos daqueles

que a praticam. Soma-se, ainda, o fato de que a sociedade se adequa às mudanças que facilitam a vivência, seguindo as características de seu tempo.

Já se discutiu amplamente a respeito da interferência da cultura atual sobre as tradições que são marca de um povo. Muitas vezes, esse intercâmbio entre passado e presente é visto de maneira negativa: como se os novos padrões contaminassem e destruíssem o *ethos* da prática em questão. Contudo, deve-se observar essa questão a partir de uma ótica distinta, que busque analisar como alguns dos elementos presentes nas práticas culturais de determinado período indicam o pensamento e os anseios dos grupos sociais que não têm acesso direto à produção de informação na grande mídia. Estudar a história do futebol nos permite identificar, por exemplo, algumas tentativas de manutenção ou rompimento de padrões vigentes. Esse esporte, com o qual a figura do brasileiro é tão associada, atua como canal de transmissão das mensagens da cultura popular. Por essa razão, podemos inseri-lo como meio folkcomunicação, já que este estuda os

[...] procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore expandem, se sociabilizam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada, ou se modificam quando apropriadas por tais complexos. (HOHLFELDT, 1990)

Desde a chegada em terras brasileiras, em 1894, quando Charles Miller introduz o futebol no Brasil, foram muitas as mudanças. Isso pode ser notado em vários âmbitos, os quais passam pela forma de se praticar a atividade, pelo perfil daqueles que estão dentro dos gramados e também pelos clubes. Entretanto, várias simbologias tradicionais não se modificaram ao longo da trajetória até os dias de hoje. Durante a história do futebol no Brasil, nota-se que, inicialmente, apenas a cultura europeia era aceita. Mas, ao longo dos anos, houve uma mescla que, hoje, torna esse esporte uma fusão de diversas culturas que construíram a sociedade brasileira.

O preconceito racial dentro de campo

Para ilustrar essas transformações e permanências, podemos citar como foram os chutes iniciais. Com ares elitistas, ele irradiou, inicialmente, no meio industrial e aristocrático. Ainda não havia uma organização, com regras e campeonatos bem definidos, uma vez que esse produto de importação servia apenas como prática de lazer dos aristocratas da época (HELAL, 1990, p.38).

Segundo Rodrigues (2004), “[...] o futebol era praticado por jogadores originários da elite, ligados às escolas ou às empresas”.

Exatamente por ser restrito às pessoas de maior poderio econômico, não havia espaço para as manifestações de diversas camadas populares no âmbito do futebol. Entretanto, era possível notar uma característica do comportamento de grande parte da sociedade brasileira: o preconceito étnico-racial. Um fato que evidencia tal afirmação é que a Seleção Brasileira de futebol não permitia, por ordem do então Presidente da República, a participação de negros.

O amadorismo vigorou como concepção de prática esportiva preferida pela aristocracia, herança da classe dos lazes de uma elite inglesa. O futebol era praticado por jogadores originários da elite, ligados às escolas ou às empresas e por alguns atletas operários de determinadas empresas. O racismo predominou por muito tempo, proibindo negros na seleção brasileira e em vários times. O racismo no futebol brasileiro pode ser percebido se tomarmos o exemplo da seleção brasileira de 1919, formada apenas por jogadores brancos, pois o então presidente Epitácio Pessoa proibia a convocação de jogadores negros (CALDAS, 1990, p. 102 apud RODRIGUES, 2004).

Apesar dessa proibição, o principal ídolo brasileiro nos primeiros anos de futebol no país possuía ascendência africana. Mulato, filho de um comerciante alemão e de uma lavadeira negra brasileira, Arthur Friedenreich foi um dos principais jogadores da Seleção Brasileira de futebol nas décadas de 1920 e 1930. Contudo, vale lembrar que sua presença no, até então, esporte dos brancos só foi permitida em função da posição social de seu pai. Com isso, ele foi admitido no Germânia (atual Esporte Clube Pinheiros), em 1919². O mulato surpreendeu aqueles que duvidavam, tornando-se um dos maiores jogadores brasileiros da história. No ranking da International Federation of Football History & Statistics (IFFHS), por exemplo, ele foi considerado o décimo terceiro melhor jogador do mundo no século XXI e quinto melhor brasileiro.

E não foi apenas na luta dos gramados que Fried, como ficou conhecido, decidiu entrar. Anos mais tarde, ele defendeu São Paulo durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Durante o conflito, ele “liderou um movimento dentro da Revolução paulista: o Batalhão Esportivo. Milhares de atletas, não só composta por jogadores de futebol, uniram-se à causa paulista. Alguns, para isso, abriram mão da participação na Olimpíada de Los Angeles, que

² <http://esporte.uol.com.br/futebol/biografias/270/friedenreich>

aconteceria no mesmo ano”³. Dessa forma, coube ao esporte o papel de elo para fortalecer a identidade do paulista. Fried utilizou seu papel de líder comunicador para conseguir unir seu grupo em torno dessa identidade.

Mesmo durante e após o período de Friedenreich, poucos negros podiam entrar nos campos de futebol dos grandes clubes da época. Um fato que ganhou grande repercussão envolveu o jogador Carlos Alberto Fonseca, da equipe do Fluminense. Por ser mulato, ele resolveu passar pó-de-arroz no rosto em partida contra o América, seu ex-clubes, em 1914. Contudo, durante a partida, o produto escorreu em função do suor, o que fez com que a torcida adversária reagisse com gritos de “pó-de-arroz, pó-de-arroz...”. Mario Filho (2003, p. 60), relatou esse episódio e destacou o comportamento da torcida após o ocorrido:

A torcida do Fluminense procurava esquecer-se de que Carlos Alberto era mulato. Um bom rapaz, muito fino. O pai tinha alguma coisa arranjada, batendo fotografias de formaturas. (...) Assim o filho entrara nas boas rodas. Sabia cativar, com aquela macieza de mulato, aquela delicadeza quase de moça, não precisava encher o rosto de pó-de-arroz.

Os torcedores de clubes adversários também se aproveitavam do episódio para intimidar o Fluminense.

Quando um rubro-negro queria ofender um tricolor, vinha logo com um ‘Pó-de-arroz’. E o tricolor ficava sem poder responder. Tendo de bancar o superior, de ser ‘Pó-se-arroz’. ‘Pó-de-arroz’ era coisa fina, cheirosa. O Fluminense não se envergonhava de ser fino, de cheirar bem. Tratando, porém, de ter mais cuidado, de não botar mais um mulato no time. Principalmente de um mulato que quisesse passar por branco. Como Carlos Alberto, como Friedenreich.

No caso de Fried, a tentativa de se tornar “menos mulato” era passar brilhantina no cabelo, tentando deixá-lo mais “assentado”. Apesar das dificuldades para a entrada de negros e mulatos no futebol, outros ídolos surgiram, como Domingos da Guia e Leônidas da Silva. O futebol, então, começa a se tornar um meio de reconhecimento social no Brasil e, conseqüentemente, uma forma de os descendentes dos negros abrirem seus caminhos, agregando a cultura dos povos africanos a um esporte que, com o tempo, tornou-se uma marca brasileira. Leônidas é um exemplo disso. Ele é lembrado por ser o inventor da chamada bicicleta, embora existam controvérsias a respeito de quem foi o primeiro a executar tal lance.

³ <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1116934-friedenreich-deixou-a-bola-e-liderou-batalhao-na-revolucao-de-1932.shtml>

Como lembra a descrição da exposição “De Arthur Friedenreich a Edson Arantes do Nascimento. O negro no futebol brasileiro”, do Museu Afro Brasil, ele era o chamado “Diamante Negro”⁴, “o inventor da bicicleta, que era aclamado pela imprensa, nas páginas das revistas, nos comerciais. Este último foi, dizem, um dançarino no campo, seu corpo tinha a elasticidade de um capoeirista”, lembrando um esporte de origens africanas. O mesmo texto ainda destaca as obras de Nelson Rodrigues. Em uma referência a Didi, o cronista se referia ao jogador a partir de suas características físicas: “com o seu magnífico tipo racial de príncipe etíope de rancho”.

Já um dos primeiros manifestos de uma equipe para a entrada do negro no futebol, ocorreu com o Vasco da Gama, em 1923. Com um time formado por vários jogadores negros e mulatos, tornou-se campeão carioca. Isso quebrou a hegemonia de América, Fluminense, Botafogo e Flamengo, onde atuavam jogadores brancos. Os “camisas negras”, como ficaram conhecidos pela imprensa (vale lembrar que utilizavam uniformes pretos), venceram 11 partidas, além de empatarem outras duas e perderam apenas uma vez. O site oficial do clube cruzmaltino afirma que “a explicação desse rápido sucesso estava nos negros, mulatos e brancos, pobres e bons de bola, que o Vasco havia recrutado nos campos de subúrbio”.

A reação dos clubes foi imediata. No ano seguinte, decidiram deixar a Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT) para criar a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA). Esta elaborou um regulamento que impedia a participação de clubes sem estádio próprio e jogadores desempregados (na época, o futebol ainda não era considerado uma profissão) ou que não estudassem, além de que estes precisavam saber ler e escrever corretamente. Para seguir essas regras, foi exigido que o Vasco afastasse 12 de seus jogadores. Contudo, o então presidente vascaíno, José Augusto Prestes, enviou um ofício ao presidente da AMEA alegando que desistiria de fazer parte da entidade, com as justificativas mostradas neste trecho do documento.

Quanto a condição de eliminarmos doze (12) jogadores das nossas equipes, resolve por unanimidade a diretoria do Club de Regatas Vasco da Gama, não a dever aceitar, por não se conformar com o processo por que foi feita a investigação das posições sociais desses nossos con-sócios, investigações levadas a um tribunal onde não tiveram nem representação nem defesa.

Estamos certos que V. Exa. será o primeiro a reconhecer que seria um ato pouco digno da nossa parte sacrificar ao desejo de filiar-se a AMEA alguns

⁴ <http://www.museuafrobrasil.org.br/conteudos/pgpadrao.asp?MTc6MDU6NDZ8MTk4>

dos que lutaram para que tivéssemos entre outras vitórias a do Campeonato de Futebol da Cidade do Rio de Janeiro de 1923.

São esses doze jogadores jovens quase todos brasileiros no começo de sua carreira, e o ato público que os pode macular nunca será praticado com a solidariedade dos que dirigem a casa que os acolheu nem sob o pavilhão que eles com tanta galhardia cobriram de glórias.

Os clubes da considerada elite carioca mostraram-se com temor de que o futebol (esporte europeu e, conseqüentemente, encarado como lugar da elite) abrisse espaço para pessoas de outras classes e sua respectiva cultura. Enquanto isso, o fantástico desempenho e a conseqüente vitória no campeonato de 1923 serviram para que os adeptos do Vasco levantassem a bandeira contra o preconceito racial, econômico-social e cultural.

Na Seleção Brasileira também não faltaram tentativas de barrar a ascensão dos negros e mulatos no esporte. Quando a equipe foi selecionada para disputar a Copa Rio Branco, que aconteceria no Uruguai, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) fez o possível para “embranquecer” o time. Contudo,

não havia de ser muito fácil. Os pretos estavam por cima. O escrete da Copa Rio Branco cheio de pretos: Domingos, Oscarino, Leônidas, Gradim, Jarbas. Nunca a CBD mandara um escrete para fora com tantos pretos (FILHO, 2003, p. 194).

A entidade tentou trocar alguns deles por jogadores brancos, mas não o fez. E os atletas justificaram a convocação: “todo mundo só queria saber de Leônidas e de Domingos. Um marcara dois gols, o outro não deixara passar nenhuma bola. Os símbolos do futebol brasileiro: Domingos e Leônidas” (FILHO, 2003, p. 194-195).

A congregação da cultura e da identidade brasileiras passou, cada vez mais, a fazer parte do futebol brasileiro. “Os rapazes que venceram, em Montevideú, eram um retrato da nossa democracia racial, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martin. Tudo feito à boa moda brasileira”, relatou José Lins do Rêgo⁵.

O impedimento da presença do negro no esporte em questão mostra a visão uniculturalista da sociedade brasileira naquele período. A cultura africana não era bem-vinda naquele espaço europeizado. Como lembra Barbosa (2006), a construção do uniculturalismo

⁵ FILHO, Mário. **Copa Rio Branco**. Prefácio de José Lins do Rêgo. Rio de Janeiro: Pongetti, 1943.

ocorre como um parâmetro que seleciona as práticas e teorias que devem sobreviver em determinado meio social.

Ao longo dos anos, o futebol passou a ser um dos canais de mobilização contra o preconceito. Contudo, atitudes racistas, ainda hoje, acontecem em vários locais do mundo. Diversas manifestações já foram realizadas por torcedores contra jogadores negros e mulatos nos campos de futebol, o que demonstra que resquícios do passado escravista ainda fazem parte do imaginário de parte da população. Isso ocorre não apenas no âmbito do futebol, mas este potencializa as manifestações.

Da mesma forma, campanhas contra esse tipo de atitude são veiculadas utilizando-se o futebol como canal de comunicação. Os jogadores, sobretudo aqueles que se tornam ídolos das torcidas, atuam como líderes comunicadores nesses momentos.

Destaca-se, ainda, o fato de que o futebol se tornou um espaço que congrega vários elementos da cultura brasileira. E o sucesso da modalidade contribui para a divulgação e ampliação dessas manifestações, crenças e características de diversos povos.

A questão do gênero não fica fora dos gramados

A relação da mulher com o chamado esporte bretão também se coloca como um campo capaz de suscitar reflexões. Analisando a primeira metade do século XX, o papel social que a sociedade conferia às mulheres era de esposa e mãe. Não cabia a elas realizarem os “papéis masculinos”, como o trabalho. Rago (2006, p. 579) aponta que, ao tratar da visão social das mulheres nesse período,

(...) lidamos muito mais com a construção masculina da identidade das mulheres trabalhadoras do que com sua própria percepção de sua condição social, sexual e individual. Não é à toa que, até recentemente, falar das trabalhadoras urbanas no Brasil significava retratar um mundo de opressão e exploração demasiada, em que elas apareciam como figuras vitimizadas e sem nenhuma possibilidade de resistência. Sem rosto, sem corpo, a operária foi transformada numa figura passiva, sem expressão política nem contorno pessoal.

Os vínculos femininos com o futebol eram os mesmos nesse período: não passavam de espectadoras, cuja função era admirar e apoiar os homens, assim como faziam em seus lares. A construção cultural brasileira trata o esporte, sobretudo o futebol, como território de práticas sociais masculinas. “E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste

masculino terminou por concentrar uma resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina”, como afirmam Mourão e Morel (2005, p. 79).

Isso fica bem claro com a aprovação, em 1941, do Decreto-Lei 3.199, o qual criou o Conselho Nacional de Desportos (CND). O artigo 54 decretava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Um dos esportes considerados condenáveis às mulheres era o futebol.

Ainda no aspecto da legislação, o CDN reforçou a proibição por meio da deliberação n. 7, em 1965. Por meio dela, aponta que

[...] N. 1 – Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidade e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

N. 2 – Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball [...]

Apesar disso, algumas tentativas de inserção feminina podem ser notadas ao longo dos anos. Muitas delas, porém, costumavam passar pelo consentimento masculino, como podemos observar em um anúncio do Primavera F.C. em alguns periódicos, o qual procurava por “moças de 15 a 25 anos, que queiram ingressar no *football*, com consentimento dos seus maiores [grifo nosso], queiram apresentar-se à rua Silva Gomes, 131, em Cascadura, das 17 em diante”⁶.

Todavia, iniciativas de introduzir categorias femininas no futebol não eram bem vistas por muitos, que taxavam como absurda a entrada de mulheres nesse esporte. Afinal, elas foram preparadas para serem mães, e não para correrem riscos físicos em algo tão violento, segundo pensamento da época (FRANZINI, 2005). Exemplo de tentativa foram os Jogos da Primavera, organizados pelo jornalista Mário Filho. O Jornal dos Sports anunciou a abertura das inscrições. No anúncio, fica evidente a utilização de certas expressões que remetem à visão das características consideradas femininas, como a “graciosidade”.

certame destinado a exaltar a prática dos desportos pela mulher, conclamando as iniciativas e oferecendo magníficas oportunidades às „estrelas“ para a jornada de graciosidade e apuro técnico (...) Lançado pelo JS tem o mérito de incentivar os desportos femininos que entre nós, não obstante os feitos assinalados, ainda não ostentam a ampla difusão que seria de desejar (...)” (JORNAL DOS SPORTS, 1949)

⁶ Reproduzido pela coluna “Pingos e Respingos”, do *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. 28.04.1940, p.2.

Farias (2011, p.4) destaca que o futebol feminino aumentou o número de adeptas no subúrbio carioca em 1940. Segundo a autora, o fenômeno foi retratado pelo Jornal dos Sports, que costumava divulgar notícias sobre a participação das mulheres nesse esporte, “conforme atesta o título da reportagem: ‘As equipes femininas de football no estádio do Pacaembú! Casino de Realengo e S. C. Brasileiro embarcam quinta-feira para São Paulo’ (JORNAL DOS SPORTS, 1940:6)”.

Nessa mesma época, “um certo José Fuzeira, não relutou em escrever ao presidente Getúlio Vargas para ‘solicitar a clarividente atenção de V. Ex. para que seja conjurada uma calamidade que está prestes a desabar em cima da juventude feminina do Brasil’. E explicava” (FRANZINI, 2005):

Refiro-me, Snr. Presidente, ao movimento entusiasta que está empolgando centenas de moças, atraindo-as para se transformarem em jogadoras de futebol, sem se levar em conta que a mulher não poderá praticar esse esporte violento sem afetar seriamente, o equilíbrio fisiológico das suas funções orgânicas, devido à natureza que a dispôs a *ser mãe* ...

A carta que mostrava a preocupação de um cidadão com a presença de mulheres em um esporte masculino foi encaminhada da Presidência da República para a Divisão de Educação Física do Ministério da Educação. Em seguida, passou para a sua Subdivisão de Medicina Especializada, onde recebeu parecer favorável e descreveu o apoio

O gesto do Snr. José Fuzeira, determinando o debate sobre uma questão que poderia ter conseqüências nocivas para a saúde de grande número de moças, é digno de todos os louvores. (...) [os apoios à prática do futebol feminino] merecem a reprovação das pessoas sensatas, já pelo espetáculo ridículo que representa a prática do "association" pelas mulheres, como também pelas razões de ordem fisiológica, que desaconselham sumariamente um gênero de atividade física tão violento, incompatível mesmo com as possibilidades do organismo feminino. (apud FRANZINI, 2005)

Ludmila Mourão e Marcia Morel (2005, p.78) também resgatam algumas manchetes de jornais a respeito da presença feminina no futebol. Em 26 de novembro de 1976, o tradicional Jornal do Brasil estampava “O futebol depois da louça lavada”. Já o jornal O Globo afirmava “Mesa tirada, rumo à praia para o futebol”, na edição de 11 de abril do mesmo ano. Na mesma

linha, “Elas namoram, estudam e ainda jogam futebol” era manchete na IH Revista, em 31 de outubro de 1981.

As pesquisadoras afirmam que a inserção da mulher no futebol cresceu a partir das décadas de 1980 e 1990. Outros esportes também acompanharam isso. “O judô, o pólo aquático, o handebol e o futebol são exemplos a serem considerados já liberados” para as mulheres (Mourão; Morel; 2005, p. 79-80). Ainda assim, a visão de que é um lugar de homens continua. Exemplo disso foi relatado pelo jornalista Sérgio Cabral que lembra que, perguntado sobre o que achava do futebol feminino, o comentarista esportivo e ex-técnico João Saldanha disse ser contra: "Imagina, o cara tem um filho, aí o filho arranja uma namorada, apresenta a namorada ao sogro e o sogro pergunta a ela: 'O que você faz, minha filha?' E a mocinha responde: 'Sou zagueiro do Bangu'. Quer dizer, não pega bem, não é?"⁷.

Ainda hoje, “apesar da sempre crescente presença feminina na vida esportiva do país, a situação atual das mulheres deve ser avaliada com cautela. Mesmo que sua participação como esportistas seja significativa, ainda é consideravelmente menor que a dos homens”. (Mourão; Morel; 2005)

O mesmo é relatado por Fábio Franzini (2005). Ele afirma que a revogação do decreto da CND, que relatamos acima, ocorreu na década de 1980. A partir de então, “se fez acompanhar da criação de departamentos de futebol feminino em vários clubes do país, bem como do surgimento de equipes como a do Radar, do Rio de Janeiro. Mesmo assim, as dificuldades culturais e materiais persistiram, fazendo com que a prática ora se expandisse, ora entrasse em refluxo”. Ainda hoje, o Brasil se encontra nesse patamar. Em certos momentos, aparecem incentivos. Em outros, o futebol feminino é esquecido.

A entrada da mulher no futebol é uma forma de buscarem seu espaço em uma área em que, há alguns anos, apenas os homens podiam caminhar. Ou seja, é o mesmo que elas têm feito em vários âmbitos sociais. O futebol também se coloca como uma forma de as mulheres se firmarem, de tentarem comunicar à sociedade que são capazes de realizar esse “trabalho masculino”. As jogadoras que atingem mais sucesso, como é o caso da brasileira Marta Vieira da Silva, tornam-se porta vozes dessa causa, agindo como líderes de opinião para tentarem diminuir tal tipo de preconceito.

Contudo, a raiz masculina ainda se faz presente nesse meio. Exemplo disso é que o clube brasileiro mais vitorioso da categoria nos últimos anos (o Santos Futebol Clube) decidiu desistir

⁷ Relato disponível em MURAD, M. **Saldanha, uma saudade**. *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro, jun. 1994, p.10

de manter o futebol feminino. Outro exemplo é a forma como denominados nossa seleção nacional. Aquela composta por homens é conhecida como Seleção Brasileira, enquanto é preciso definir o gênero ao nos referirmos a das mulheres. O próprio site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) trata dessa forma. A aba seleções fornece links para as páginas da “Seleção Brasileira de Futebol”, “Seleção Feminina de Futebol” e “Seleção de Base”. Não há, aliás, referência às seleções femininas de base.

Com o que foi exposto, observa-se que o futebol representa um meio de expressão para quebra de preconceitos. Ainda hoje, as raízes masculinas do esporte estão presentes no comportamento e nos diálogos dos envolvidos. Também é uma forma de diversas culturas mostrarem suas características.

Futebol: uma religião brasileira

Minha Nossa Senhora das Dores, do Parto, de Nazaré, do Desterro e dos Aflitos; Almas do Purgatório, ajudai a nossa Seleção. (...) Milagroso São Pedro, dono das chaves do Céu, santo das fogueiras e do humano paradoxo, defendei o nosso time porque sem a vitória no futebol o povo fica desanimado, vota errado e pode fazer as maiores cagadas. Frustrado, impiedosamente roubado por muitas gerações de patrões, coronéis e políticos, o povo é o próprio futebol na sua ânsia de excelência e justiça. Na sua confirmação de que o desempenho vale mais do que a cor da pele, o nome de família e o cargo. (...) Fazei, meu milagroso Santo Antônio, com que a nossa história seja festejada pelo samba e não pela arrogância patriótica. Que a glória do Brasil seja a glória dos humildes, dos fracos e dos pobres. Poderosos Orixás africanos; Espíritos de Luz; sobrenaturais de todas as tribos; vinde para o nosso lado, não se esqueça dos vossos filhos que comem pouco, moram mal, não têm escola e sofrem todos os tipos de violência, mas amam de forma imaculada esses nossos jogadores uniformizados de verde e amarelo.

O texto acima é um trecho da “Prece da Copa”, criada pelo antropólogo Roberto DaMatta. O objetivo do pesquisador ao elaborá-la foi sintetizar parte do significado do futebol para o povo brasileiro. Por meio dele, nota-se o ambiente místico que envolve uma partida. Em nome da vitória, jogadores, técnicos, dirigentes e torcedores apelam para suas respectivas religiões. O texto destaca tanto a fé cristã quanto as religiões afro-brasileiras, mostrando como o futebol mescla a diversidade cultural brasileira. Os contornos dramáticos que envolvem esse esporte são capazes de unir os seguidores dessas religiões para, juntos, implorarem pela vitória.

Esse clima religioso do futebol cria várias superstições antes, durante e após as partidas. Não é raro notar cenas como estas: o jogador entrar com o pé direito, o goleiro chutar a trave e ajoelhar sobre a linha do gol com os dedos apontados para cima, torcedores (e até técnicos) usarem a mesma camisa em todas as partidas e assistirem aos jogos do mesmo lugar, além de tantas outras. Ou seja, criam-se verdadeiros rituais.

A linguagem própria do futebol também mostra um aspecto da cultura popular congregado nesse esporte. Podemos classificar três perspectivas do vocabulário futebolístico: a criação de palavras que são empregadas apenas nesse esporte (como escanteio, pênalti etc.); a criação de expressões que passam a fazer parte de situações cotidianas, ou seja, partindo do futebol para a vida social (exemplos como: bateu um bolão, pisou na bola; aos 45 do segundo tempo etc.); e o empréstimo de termos já existentes que ganham novo conceito ao serem empregados no futebol (palavras como elástico, caneta e bicicleta são, no caso desse esporte, movimentos praticados pelos jogadores).

A “Prece da Copa” ainda aborda outras formas de influência do futebol sobre a vida do brasileiro, inclusive em sua atuação nas práticas de seus direitos de cidadão. Ele também age como um local em que qualquer pessoa pode conseguir sucesso (seja dentro de campo, seja como torcedor), independentemente da profissão, cor, classe social etc. O que vai definir é a capacidade, o mérito. E, claro, a sorte, o sobrenatural e as forças dos deuses pesam no resultado, segundo o imaginário dos torcedores. Como aponta a folclorista Thelma Regina Linhares (apud LÓSSIO; PEREIRA; p.3), “as práticas supersticiosas no futebol são variadas em tipos e em intensidade. ‘Promessas, despachos, benzimentos, comportamentos e atitudes que se padronizam e se repetem de vitória em vitória, pois deram sorte, fazem parte do arsenal de recursos que cada time procura acumular’”.

Esses aspectos nos permitem afirmar que as pessoas envolvidas em tal esporte procuram, por meio dele, “formas de representação e reprodução e reelaboração simbólica das suas atitudes”, como afirma Canclini ao descrever aspectos gerais da cultura popular. Isso significa que desejam ver seus elementos identitários durante as práticas culturais, reproduzindo-os e recriando-os.

É possível, por exemplo, fazer uma analogia sobre o desempenho dentro de campo e a maneira como os povos são caracterizados. No caso do brasileiro, muito se fala sobre a “ginga”, ou seja, a capacidade de realizar movimentos rápidos, leves e plasticamente bonitos. Vale ressaltar, aliás, que esse termo também é usado para representar um movimento da capoeira

(arte-marcial desenvolvida no Brasil, sobretudo por descendentes de africanos), que faz com que essa luta se assemelhe a uma dança. O conceito também remete ao “jeitinho” brasileiro, ou seja, à capacidade de inovar para conseguir sair de situações difíceis. Isso pode ser feito por meio de dribles, por exemplo. Com isso, os jogadores brasileiros ficaram conhecidos, mundialmente, pela capacidade de realizar jogadas habilidosas. Contudo, o exagero de dribles não é bem vista, uma vez que torna o jogo individualista, atitude que os torcedores costumam condenar. Mesmo os jogadores com maior capacidade técnica têm que saber jogar coletivamente.

Para efeito de comparação, podemos citar a prática do mesmo esporte em outros países. No caso da Alemanha, costuma-se remeter ao padrão tático quase militar de suas equipes. Ou seja, há uma organização significativa, que é respeitada pelos praticantes dentro de campo. A população alemã também é conhecida por ter essa característica. Diferentemente, as seleções de vários países africanos não costumam ter uma organização tática tão rigorosa e utilizam a velocidade e a força para conseguirem a vitória. Enquanto isso, os ingleses estão acostumados a jogar “de cabeça erguida” (termo utilizado no futebol para remeter a jogadores capazes de jogar sem olhar para a bola o tempo todo, o que facilita encontrar as melhores opções de passes), além de utilizarem muitos cruzamentos para a área. Esse é o “futebol de lordes”.

Com isso, notamos que o futebol congrega aspectos básicos da prática da cultura popular: a fé/esperança, os rituais, as manifestações e o vocabulário particular.

Considerações finais

Não é novidade que o futebol corrobora para o conhecimento da cultura brasileira em outras partes do mundo. Esse esporte reflete inúmeros comportamentos socioculturais e, por esse motivo, torna-se um espaço rico para a análise folkcomunicação.

Os estudos podem partir tanto da observação dos comportamentos e rituais quanto da linguagem utilizada, sendo que esses quesitos permeiam tanto os jogadores quanto a torcida. O futebol, esporte amplamente difundido em termos de número de praticantes e de espaço ocupado na mídia, mostra-se um significativo canal de transmissão da cultura de diversos povos.

Referências

BARBOSA, W. **Cultura Negra e dominação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

BELTRÃO, L. **Teoria geral da comunicação**. Brasília: Thesaurus, 1977.

CALDAS, W. **O Pontapé Inicial**: Memória do Futebol Brasileiro. São Paulo: IBRASA, 1990.

FARIAS, C. **Os Jogos Femininos e a experiência liberal-democrática no Brasil (1946-1964)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRANZINI, F. **Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328, 2005.

HELAL, R. **O Que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HOHLFELDT, A. **Novas tendências nas pesquisas da folkcomunicação**: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. PCLA, Vol. 4, n. 2: jan., fev., mar. 2003.

MOURÃO, L.; MOREL, M. **As narrativas sobre o futebol feminino**: o discurso da mídia impressa em campo. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005

NAVA, R. **Folkcomunicação midiática**: temas e problemas da cultura popular e do folclore na mídia. In: Anais da VIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, Teresina, 9 a 12 de junho de 2005.

RODRIGUES, F. **Modernidade, disciplina e futebol**: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. *Sociologias* [online]. 2004, n.11